

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1. Ed. 2018. (Ebook não paginado).

Júlia Monfardini Menuci \*

A autora Marcia Tiburi é, dentre tantas coisas, professora de filosofia e escritora, perpassando algumas de suas escritas por temas como feminismo e política. Na obra ‘Feminismo em comum: para todas, todes e todos’, a autora inicia suas considerações questionando por que há pessoas que temem o feminismo e por que há tantas outras que depositam todas as suas esperanças no movimento. Uma coisa é certa, Tiburi (2018) assevera que o feminismo deve ser avistado como filosofia, como teoria e prática, que deve ser retirado da seara dos assuntos polêmicos e deve ser enfrentado, com urgência, como a potência transformadora que é.

Pensar o feminismo é muito mais do que simplesmente deixar-se levar por um impulso indignado, um modismo atual, ele precisa ser pensado e retirado do plano teórico, transformando-se em “ação ético-política” (l. 64). Caso contrário, estará estagnado como um ideal que não produz mudanças significativas, mantendo-se no imaginário moral de alguns, e problematizado por muitos. Tiburi (2018) questiona onde queremos que o feminismo chegue, e se ele poderá, algum dia, ultrapassar as barreiras da sociedade patriarcal em que vivemos.

Esclarecendo o título da obra, Tiburi (2018) afirma que “o feminismo nos leva à luta por direitos de todas, todes e todos” (l. 79). ‘Todas’, claramente, reflete as mulheres, que são as atrizes que dão continuidade à essa luta. ‘Todes’ refere-se às pessoas que foram libertas pelo feminismo, que não precisam se identificar (ou não) com um gênero específico, possuindo espaços para se reconhecer com novas expressões de gênero e sexualidade. E todos porque o movimento abrange uma certa ideia de humanidade - que não se confunde com

humanismo, pois a teoria humanista também pode ser operadora da ideologia patriarcal, perpetuando desigualdades – abrangendo o sujeito homem, que também deve viver sob um processo de escolhas alternativas e livres de gêneros, escolhas que o mundo machista lhes retirou. Tiburi (2018) relata que devemos compreender o feminismo como “o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado” (l. 87). O sistema de subjugação utilizado pelo patriarcado inclui no rol de desiguais todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso, como por exemplo: corpos para o trabalho, corpos para a procriação, para o cuidado e a manutenção da vida, para o prazer alheio, etc. Nessa ótica, ressalta-se que toda a subjugação é amplamente vista como trabalho, isso porque sujeitos desempenham ‘funções’ pré-estabelecidas pelo gênero de acordo com a necessidade da lógica patriarcal para a sobrevivência dos corpos. Essas funções exigem do indivíduo uma postura e uma ação baseadas no gênero, que o impedem de ser completamente livre.

O capítulo terceiro da obra merece a devida atenção, isso porque Tiburi (2018) afirma que toda a mulher é uma trabalhadora. Sendo o trabalho uma necessidade que a civilização humana requer, e, acreditando-se que ele é o oposto do prazer, em uma sociedade capitalista essa equação se define pela exploração, opressão, e, acredite se quiser, sedução. Marcia Tiburi (2018) afirma com sabedoria que o prazer depende do trabalho, contudo, em uma sociedade construída em cima de pilares patriarcais o prazer de outros depende do trabalho de outras.

---

\* Bacharel em direito pelo Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Santa Maria/RS. Advogada. Pós-graduanda em Direito Processual Civil pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Minas Gerais. Mestranda em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí/RS. E-mail: [juliamenuci@hotmail.com](mailto:juliamenuci@hotmail.com).

Para a autora, o trabalho é um problema de gênero, o qual definirá que desde o nascimento de mulher – definindo-a pelo órgão genital – ela está condenada ao trabalho, que sempre se confunde com servidão, e distingue-se do trabalho remunerado, que é aquele escolhido por ela. A mulher já nasce incumbida dos labores domésticos simplesmente por ser mulher, estando “sempre a serviço de outros que não podem ou não querem trabalhar como elas” (p. 105). Mesmo com um trabalho remunerado fora do espaço privado, em sua grande maioria, as mulheres ainda irão trabalhar mais do que os homens que convivem sob o mesmo, pois, segundo a autora, a mulher nasce com o ‘gene’ da servidão. Tiburi (2018) ainda revela um pouco de sua infância e rememorando os ensinamentos de sua mãe afirma que “o direito ao estudo é fundamental para qualquer pessoa e também para as mulheres. E que só esse direito pode nos livrar do sistema de violência física e simbólica que pesa sobre quem é marcado como a mulher” (l. 167).

Ocorre que, segundo a autora, as mulheres são levadas a crer que a família e o amor fazem todo o trabalho valer a pena, muito embora a devoção à família seja justamente para amenizar a escravidão escrachada vivida pelas mulheres nos ambientes domésticos. É preciso que se acredite em máximas universais para que a vida cotidiana não seja avistada como diferente da crença de ‘rainha do lar’ que toda a mulher é posta. Desse modo, ser mulher e se assumir como uma, para Tiburi (2018), é utilizar-se de um caractere definido pelo patriarcado para arcar com a subjugação e a vasta gama de obrigações que imputam esse sujeito, sendo imprescindível para o avanço social e a prática do feminismo como ética-moral que através do movimento o papel da ‘mulher’ seja ressignificado.

A identificação do sujeito como mulher implica em inúmeras questões que devem ser assumidas e combatidas, impostas outrora e mantidas na contemporaneidade. O feminismo abriu muitas portas para as mulheres, sem dúvidas, mas também possibilitou que outros sujeitos pudessem se encontrar e compreender sua existência. A identidade assumida por um sujeito, sob o rol patriarcal, é compreendida como um parâmetro baseado na heteroconstrução, onde seus pilares se encontram sob definições sexuais e de gênero. No feminismo, a identidade assumida por todas e todes

é sempre um elemento em transformação, sem definição, que passa por um processo de autor reconhecimento e liberdade, permitindo a esses o desenvolvimento natural de seu ser (TIBURI, 2018).

Novamente, insiste Tiburi (2018), que o feminismo deve ser pensado e repensado, e até mesmo questionado por seus próprios seguidores para que não seja encarado como modismo. O sistema enraizado que denominamos de patriarcado está entrelaçado com a cultura humana e suas instituições, estruturado como uma crença. O patriarcado utiliza-se de verdades absolutas e, ressalva Tiburi (2018), essas verdades são concepções construídas através de discursos, eventos e rituais e nada têm de verdadeiro ou natural. E aí está a necessidade de repensar o feminismo, para que se consiga construir uma sociedade melhor e menos desigual é necessário que exista a desconstrução das identidades postas diante da heteroconstrução.

Desde que fomos ‘generificados’ (l. 230) as regras que fomentam a vivência de homens e mulheres proferem quem somos, como somos, e o que devemos fazer, ocorre que o controle social e a domesticação do ser humano limita as identidades que fogem do binômio sexual construído pelo gênero. Ou seja, a sexualidade humana é limitada em somente dois papéis possíveis e tudo que diverge desse regramento sofrerá pela diferença. Conforme Marcia Tiburi (2018) o patriarcado é um dogma religioso, moralista e ascético e o feminismo é compreendido como pagão, que deve ser contido. Não podemos deixar que o poder patriarcal interfira no modo como nos identificamos, através do autor reconhecimento o indivíduo feminista poderá quebrar o ciclo de violência o qual está inserido, desse modo, “o feminismo está aí para ajudar as pessoas a se perguntarem sobre os jogos de poder envolvidos em sua própria vida” (l. 230) e assim rompê-lo.

O sétimo capítulo do livro é singelo; nele Tiburi (2018) faz asserções acerca do feminismo e do feminino. É inegável que o patriarcado criou - e sustenta - todo o tipo de ação e linguagem conhecida, o qual desde seus primórdios faz com que as práticas humanas sejam incrustadas de machismo e misoginia. Analisando a atuação das mulheres durante sua caminhada histórica tal afirmação fica clara, isso porque até pouco tempo atrás as mulheres nunca haviam realmente contado sua trajetória. A formação dos textos que revelam a

caminhada humana e, principalmente, feminina, foi realizada por homens, ou seja, tudo o que se sabe sobre mulheres foi contado por homens. “Da filosofia à literatura, da ciência ao direito, o patriarcado confirma a ideia de que todo documento de cultura que restou é um documento de barbárie” (TIBURI, 2018, l. 399). As mulheres conquistaram seu lugar de fala e manifestação tardiamente, e aí se edificou o feminismo, através da conquista da liberdade de expressão que desencadeou a força feminina e novas conquistas de independência.

Para Marcia Tiburi (2018) a verdadeira ideologia de gênero foi criada pelo patriarcado, que classificou as mulheres como incapazes para o poder, traidoras, infiáveis e históricas, sempre atreladas ao negativo. Como contraponto, é criado o estereótipo de mulher ‘boazinha’, boa moça, recatada, do lar. A docilização e a submissão das mulheres justifica a criação do feminino. “O feminino é o termo utilizado para salvaguardar a negatividade que se deseja atribuir às mulheres no sistema patriarcal” (TIBURI, 2018, l. 420). A exaltação do feminino através das escritas mais antigas de filósofos e poetas nada mais é do que imputar a mulher à um regime estético-moral, evitando assim sua rebeldia e emancipação.

O feminismo é um movimento amado e odiado, de acordo com Tiburi (2018), e a exaltação ao feminino pode ser compreendida com vistas à domesticação das mulheres. Entre o elogio ao feminino e o ódio ao feminismo existe um grande abismo ético e estético, que serve para manipular o ego da mulher a permanecer nas rédeas patriarcais. Em analogia às concepções de Tiburi (2018), entende-se que a obediência ao feminino e suas regras cria e domestica mulheres assim como cães, sempre que são boazinhas ganham algo em troca para alimentar seu âmago que ainda não se distanciou da normatividade imposta pelo patriarcado. Daí pode-se afirmar que o feminismo, nos dias atuais, é o contraposto do feminino, “é como se, ao afirmar-se feminista, uma mulher, ou qualquer pessoa, estivesse indo contra o estado natural das coisas, contra aquilo que é tratado pelo discurso como sendo ‘a verdade’” (l. 427). Essa verdade é a tentativa de manter as mulheres caladas, de perpetuar o poder e a violência real e simbólica autorizada pelo patriarcado.

Seguindo a proposta da obra, a autora explica o movimento feminista e sua concepção acerca de uma

não-ideologia. Tiburi (2018) estranha a nomenclatura usada, que somente visa tachar o movimento que um dia libertou mulheres de sua servidão à um conjunto de valores desprovido de praticidade e mudanças significativas para todas, todes e todos. Em seu processo histórico, é verdadeiro que o movimento se modificou de muitas formas, muitas delas complexas e tensas. Contudo, destaca-se que foi por meio dele que mulheres se emanciparam e iniciaram o processo de desobjetificação pelo qual eram vitimadas, definidas como coisas que serviam para posse, trabalho, procriação e abate. Ainda, o feminismo auferiu às mulheres algo inestimado, a condição de seres humanos e a qualidade de cidadãs – em partes, se formos pensar na questão da legalização do aborto as mulheres ainda padecem sob regras pensadas e positivadas sob mãos masculinas (TIBURI, 2018).

Tiburi (2018) ressalta que as questões pautadas pelo gênero amedrontam muitos e muitas que ainda vivem sob as amarras do patriarcado. Essa visão de mundo e a própria cultura à heteronormatividade faz com que os sujeitos sociais sejam marcados como gado. Isso se reflete no momento em que pessoas que não correspondem às regras heterossexuais são classificadas como “gays, lésbicas, vadias, trans e outros nomes – dos quais vieram a se apropriar, como forma de usar a marcação sofrida para politizar a própria vida violentada pela ordem dominante” (l. 660). Contrário à domesticação dos corpos, o feminismo convida as pessoas marcadas, oprimidas, sofridas, a falarem por elas mesmas, concedendo o direito à todas, todes e todos, de ser que se é. O feminismo dá o direito de existir.

Nesse ponto, compreende-se que o feminismo é um movimento libertador para todos os indivíduos que fazem parte de um núcleo social e que se deixam influenciar pelas lutas travadas por esse movimento, ainda que não participem de forma objetiva do enfrentamento do sistema patriarcal. De acordo com Márcia Tiburi (2018), ser feminista é relatar-se a si mesma. Isso porque, somente ser feminista não bastaria para modificar a conjuntura enfrentada pelas mulheres. Ainda que muitas feministas não se identifiquem com tal nomenclatura, o feminismo retira o gênero como arma de opressão e o abarca como categoria de análise que o é. Para a autora, muitas mulheres que não se

identificam com o termo feminismo tentam fugir da perturbação e coação que é ser mulher na sociedade atual, elas fogem da vitimização feminina, pois não suportam admitirem que existe um local de opressão social para mulheres e que isso às transforma em vítimas, por muito tempo Tiburi (2018) afirma que também passou pela metamorfose feminista, evitando reconhecer as circunstâncias histórias opressoras para se ‘sentir forte’.

Através do conhecimento da luta feminista contemporânea, as mulheres tomam consciência de si e das injustiças vividas e causadas por elas – isso porque muitas mulheres perpetuam a dominação patriarcal por desconhecerem os aparatos culturais que as fazem ser invisibilizadas como tal. Tiburi (2018) afirma a necessidade das mulheres assumirem sua ‘cegueira’ perante o espaço público e do patriarcado institucionalizado nas mais diversas autoridades que ainda lhe cerceiam o exercício do ser mulher e das infinitas possibilidades que isso lhe permite. Caso contrário, assevera Tiburi (2018), seremos participantes da invisibilidade coletiva à qual fomos condenadas. Em consequência de iniciarmos a visão de mundo feminina já limitada – pelas crenças, pela cultura, pela classe – nem sempre conseguimos identificar que o feminismo nos ajuda a ver mais longe. Por fim, a autora revela que é uma feminista em constante evolução e convida à todas as mulheres a praticarem o feminismo como um movimento que possui força para modificar o espaço social e não somente como uma ideologia, sem significado ou senso crítico.